

Entre marimbondos e encantados: a sociomaterialidade na Educação Xakriabá

ANA CAROLINA MACHADO FERRARI*

Resumo: O objetivo deste trabalho é discorrer sobre as associações humano-não humano que compõem a cosmologia Xakriabá, como a relação com a ancestralidade por meio dos rituais e da natureza. Dessas relações parte a circulação do conhecimento tradicional a partir das práticas cotidianas, com a interação entre crianças-adultos-saberes tradicionais por meio, inicialmente, da observação e, posteriormente, da reprodução pelas crianças do que foi aprendido com os adultos pela experiência. Ancorados nos pressupostos epistemológicos da Teoria Ator-Rede (TAR), apresentamos aqui a sociomaterialidade observada no Território Indígena Xakriabá, a partir dos rastros deixados pelas ações dos seus atores-redes.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena; Educação Indígena; Povo Xakriabá; Teoria Ator-Rede.

Between wasps and enchanted: sociomateriality in Xakriabá Education

Abstract: The aim of this study is to discuss the human-non-human associations that comprise the Xakriabá cosmology, such as the relationship with ancestry through rituals and nature. From these relationships comes the circulation of traditional knowledge from everyday practices, with the interaction between children-adults-traditional knowledge through, initially, observation and, later, the children's reproduction of what was learned from adults through the experience. Anchored in the epistemological assumptions of the Actor-Network Theory (ANT), we present here the sociomateriality observed in a Xakriabá Indigenous Territory, based on the traces left by the actions of its actors-networks.

Key words: Indigenous School Education; Indigenous Education; Xakriabá people; Actor-Network Theory.



* ANA CAROLINA MACHADO FERRARI é Doutora e Mestra em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Mestranda em Letras pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), pedagoga, graduada pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Docente em cursos de graduação e pós graduação.

Introdução

A história do povo Xakriabá está alicerçada em diversas associações de inúmeros atores. Conhecer sua história, suas crenças, costumes e valores são essenciais para compreendermos sua forma de ser e de estar no mundo, bem como sua multiplicidade ontológica dentro de sua grande rede heterogênea. Essa cosmologia é a base de sua resistência e sobrevivência ao processo colonial e não é constituída apenas por humanos, mas também pelas associações com os não-humanos, presentes em seus cantos, pinturas e esculturas de barro e cerâmica e com os encantados, que aparecem como a Iaiá Cabocla, a índia guardiã do povo e da Terra Indígena Xakriabá (TIX).

Se assim o é, como essas associações homem-natureza-espiritualidade ocorrem e como o conhecimento é produzido e circula dentro do território, levando em consideração essas associações?

Buscando responder esses questionamentos, esse trabalho tem como objetivo discorrer sobre as associações humano-não humano que compõem a cosmologia Xakriabá, como a relação com a ancestralidade por meio dos rituais e da natureza, bem como tais relações incidem na circulação do conhecimento a partir das práticas cotidianas, com a interação entre crianças-adultos-saberes. Os dados aqui apresentados compõem uma pesquisa etnográfica, com observação-participante, realizada entre os anos de 2017 a 2020 no território indígena Xakriabá, em que buscou-se a compreensão que se tem sobre os corpos com e sem deficiência em sua cosmologia e a sociomaterialidade existente na construção desses corpos.

Para a estruturação desse artigo, foram apresentados alguns pressupostos epistemológicos da Teoria Ator-Rede, como actantes/atores, híbrido e redes sociomateriais, imprescindíveis para entendermos a associação humano-não-humano. Posteriormente, descrevemos o povo indígena Xakriabá e, por fim, apresentou-se duas práticas cotidianas, a participação das crianças nessas práticas e, conseqüentemente, na circulação do conhecimento, observadas no território Xakriabá, um com a interação com marimbondos e outra com o jenipapo, como se vê a seguir.

Teoria Ator-Rede: o que precisamos aprender para seguirmos os não-humanos

Para compreendermos a interação entre pessoas e coisas (não humanos e extra-humanos), em que ambos se encontram em simetria, devemos voltar nossos olhares à Teoria Ator-Rede (TAR), uma abordagem teórico-metodológica desenvolvida na década de 1980, tendo como seus principais precursores Bruno Latour, Annemarie Mol e John Law e Michel Callon. No Brasil, as contribuições da TAR para o campo da Educação Especial e inclusiva tem se apresentado interligadas aos estudos da Psicologia Social, tendo Moraes (2004; 2008; 2010) como uma de seus porta-vozes.

A TAR surge como uma alternativa à Sociologia do Social, sendo compreendida como a Sociologia das Associações. Isso porque, sob a ótica da TAR, sociedade é justamente a associação de humanos e não humanos, rompendo com a tradicional ideia de sociedade como interação de humanos exclusivamente. De acordo com a TAR, tanto pessoas quanto coisas podem assumir o papel de actantes (atores), fazendo com que as coisas aconteçam.

Latour (2012) explica que “[...] a palavra ‘ator’ significa que jamais fica claro quem ou o que está atuando quando as pessoas atuam, pois o ator, no palco, nunca está sozinho.” (p. 75) Desta forma, não há como limitarmos os atores apenas aos humanos, uma vez que os não humanos também podem agenciar e, assim, tornarem-se actantes tanto quanto os humanos.

Como assinala Latour (2012), não é o social quem explica as coisas, mas, sim, o que deve ser explicado, já que o social é “o nome do tipo de associação momentânea, caracterizada pela maneira como se reúnem as novas formas.” (p. 65). Nesse sentido, Moraes (2004) ressalta que:

[...] no mundo não moderno trazido pela Teoria Ator-Rede para as ciências está em jogo a construção de efeitos de racionalidade, rigor, objetividade. Sendo efeitos, tais noções são marcadas por uma instabilidade que as tornam formas instáveis e abertas, sempre prestes a diferir segundo direções múltiplas e não antecipáveis. (MORAES, 2004, p. 322)

Sob a luz da Teoria Ator-Rede, não existe apenas um mundo e pluriformas de enxergá-lo, mas, sim, múltiplos mundos, coexistentes, habitados e feitos por diversas entidades e diferentes praticidades (SOUZA, 2015), o que chamamos de ontologias múltiplas, recusando a “[...] ideia de que há uma única realidade e muitas perspectivas (ou representações) sobre ela.” (*Ibidem*, p. 53)

Nessa visão, um ator nunca age sozinho. Ele é um ator-rede e sua ação “[...] não ocorre sob o pleno controle da consciência [...] devendo ser encarada como um nó, uma ligadura.” (LATOUR, 2012, p. 72) Deste modo, não há como olharmos para o ator-rede apenas como

ator ou somente enquanto rede. Sua ação não é isolada, ou seja, “um ator nunca está sozinho, nunca sabemos com certeza quem ou o que nos leva a agir.” (*Ibidem*, p. 76; 84)

A TAR descreve o híbrido, como aquilo que emerge da associação entre actantes humanos e não humanos. Nessa perspectiva, o híbrido não é um conceito, mas, sim, uma condição de simetria entre os actantes, opondo-se às dicotomias modernas de sociedade e natureza; homem e coisas. como nos explicam Goldman e Viveiros de Castro (2006):

Ninguém está propondo um mundo onde tudo seria harmônico e igual! [...] A simetria está nessas duas palavras, no igualmente e no diferente, ou seja, simetrizar não significa passar por cima do fato de que há uma diferença enorme entre as sociedades, mas, ao contrário, converter justamente esse fato no problema e fazer com que a sociedade ou o grupo de onde vem a antropologia seja tão *antropologizável* quanto os demais. (GOLDMAN; VIVEIROS DE CASTRO, 2006, pp. 181-182)

É a partir da ação dos atores-redes que os rastros são deixados pelo caminho. Isso significa que não apenas humanos, mas também os não humanos, as coisas, agem e “[...] o social, o nome de uma associação momentânea caracterizada pelo modo como se aglutina assumindo novas formas.” (LATOUR, 2012, p. 100)

Como os humanos, os não humanos também possuem agência e, a partir de uma ação coletiva, formam redes sociomateriais. Deste modo, devemos perceber a agência de humanos e não humanos de forma simétrica, não considerando os não humanos apenas como instrumentos manuseados pelos humanos. Devemos compreendê-los como atores-rede, seguindo seus rastros.

As redes se estabelecem e são estabelecidas por seus agenciamentos e conexões heterogêneas entre os humanos e não humanos (FREIRE, 2006) – o que também sustenta a perspectiva do processo coletivo de construção do conhecimento, uma vez que “[...] aquele que está numa posição passiva de apenas receber o conhecimento pronto e ‘enlatado’, fica impedido de realizar a sua tradução e de acrescentar a sua marca.” (MELO, 2011, p. 180)

Povo Indígena Xakriabá e sua constituição humano-não-humano

A cosmologia Xakriabá é composta por diversas associações humano-não-humano. Tais associações são observadas desde o significado do seu nome. Prova disso é a explicação trazida por Deda, um mestre e professor de cultura do povo Xakriabá que, ao descrever o significado da palavra “Xakriabá”, nos mostra a constituição de um híbrido homem-natureza:

A palavra Xakriabá é uma palavra identificada pelas pessoas não índias. Porque, na época [antes da colonização] era Akwenorin Krenká [pausa] que em português dá esse mesmo significado, né. Aí, pela forma [dos não indígenas] de identificar, aí receberam esse nome. Por que esse nome? Xakriabá? Porque o nosso povo convivia também com essa forma, né, tinha essa forma de lidar com a parte das plantas medicinais então o “Xa” vem do chá das plantas. E o “kri” porque os Xakriabá sempre foram criativos, é [pausa] tinha muita criatividade. Além do mais, a cabana pra nós, fala cabana, casa, nós chamava de “kri” e “bá” é de bastante, bastante índio. (FERRARI, 2020, p. 32)

Sendo o maior povo indígena do estado de Minas Gerais, o povo Xakriabá teve suas terras demarcadas e homologadas

pelo Decreto nº 94.608 (1987), compreendendo uma extensão territorial de aproximadamente 46.414,92 km². Em 2003, houve a demarcação e homologação da Terra Indígena Xakriabá Rancharia (TIX/R), cuja extensão territorial corresponde a 6.798,38 km². A TIX ainda abarca parte do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, santuário natural onde podem ser encontrados registros de pinturas Xakriabá em suas pedras. A grande responsabilidade nessa alteração geográfica territorial se deu a partir do encontro desse povo com os não-indígenas, principalmente durante o processo de colonização.

Dados censitários apontam que 67,7% da população de São João das Missões, município no qual encontra-se localizado a TIX, se autodeclararam indígenas no último Censo, computando 7.936 indígenas (IBGE, 2010). Contudo, tais dados divergem de outros apresentados por instituições não governamentais e pelos próprios Xakriabá, ocorrendo uma variação entre 9.196 pessoas (FUNASA/ ISA, 2018) e 11 mil indígenas (CORREA, 2018).

Alguns trabalhos acadêmicos de egressos do curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas (FIEI), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como o de Abreu (2016), e trabalhos de mestrado de pesquisadores Xakriabá, como o de Correa (2018) apresentam informações sobre a Iaiá Cabocla, nosso híbrido mulher-onça-encanto.

Na cosmologia Xakriabá, Iaiá Cabocla é descrita como uma índia encantada, humana-não humana, que se materializa de inúmeras formas, mas, principalmente, como onça. Iaiá Cabocla é um ator-rede essencial para a identidade Xakriabá. A indígena encantada, de acordo com os Xakriabá, é

a responsável pela permanência dos não Xakriabá na TIX, além de ser protetora desse povo, uma vez que, nas palavras dos Xakriabá, “abaixo de Deus, ela é a defesa da nossa aldeia.” (XAKRIABÁ, 1997, p. 55).

É também através do ator-rede Iaiá Cabocla que se reforça a indissociação homem-natureza-espiritualidade, como se observa em uma das narrativas de Correa (2019):

Os mais velhos Xakriabá, principalmente os pajés, relatam que ela se encantou, ou seja, passou de um estado de corpo metamorfoseável humano/animal para espírito transformacional, humano/animal/espírito ou, nas palavras dos Xakriabá, gente/onça/encanto. Tornando-se, assim, ela mesma a dona das matas e dos bichos. Por sua vez, quando se entra na mata para caçar, é a ela que o caçador deve pedir permissão. A Iaiá Cabocla é vista como protetora do território xakriabá, sendo também com ela que os pajés se relacionam durante o ritual do Toré para curar doenças e pedir conselhos (CORREA, 2019, p.56).

A formação de híbridos Xakriabá-natureza-encanto se faz presentes não somente nas histórias dos anciãos, mas também são destacados nos cantos, que registram a história e os conhecimentos Xakriabá (ABREU, 2016), como no trecho apresentado:

Gavião bateu asa e rodopiou
Gavião bateu asa e rodopiou
E a onça pintada dançou, dançou
E a onça pintada dançou, dançou
Sacudiu maracá até subir
Quero ver gavião e a onça dançar
Hei na, hei na, hei na há
Hei na, hei na, hei na há
(ABREU, 2016, p. 40).

O Gavião de pena preta possui características que se assemelham aos

Xakriabá, como o poder de se adaptar a ambientes distintos e o instinto para a caça. O cântico que traz a interação entre a onça e o gavião retrata, ainda, essa conexão entre os Xakriabá e a Iaiá Cabocla.

A hibridação humano não-humano na cultura Xakriabá reforça sua relação com o Território, assim como sua resistência e manutenção da sua identidade, sendo percebida em diversas práticas na TIX, como se verá a seguir.

As associações humano e não-humano no Território Indígena Xakriabá – entre marimbondos e jenipapos

As associações entre humanos e não-humanos e, conseqüentemente, a constituição de redes sociomateriais na educação Xakriabá podem ser observadas em diversas práticas cotidianas no território. Aqui serão descritas duas percepções da agência de não-humanos nessa educação: a de marimbondos e a do jenipapo. Para isso, utilizaremos as narrativas dos trechos do caderno de campo para descrevermos os rastros observados

Outra experiência que tive no Território que refletiu a associação dos Xakriabá com a natureza foi em 18 de abril de 2017. Deda e eu fomos bem cedo à Escola Bukimuju, na Aldeia Brejo Mata Fome, onde crianças e adolescentes seriam pintados para a celebração do dia 19 de abril. Antes de iniciarmos as pinturas, a diretora da escola informou ao Deda que marimbondos haviam construído sua casa em uma pilha de livros didáticos. Solicitaram sua ajuda. Os livros já se encontravam fora da sala de aula, entre a sala da diretoria e uma das salas de aula. Com a minha vivência urbana “moderna”, pensei: “Será um grande fogaréu! Uma pena queimar tantos livros!”, imaginando que iam colocar fogo nos

marimbondos, assim com os incendiamos no meio urbano. Sentei-me em uma pedra no pátio da escola, afastada alguns metros dos livros, mas observando atentamente cada movimento de Deda. As crianças acompanhavam de perto. Bem de perto. Cada passo dado por Deda também gerava um olhar dele para mim. Comunicávamos desta forma. Não via isqueiro, fósforo ou qualquer outro instrumento que pudesse gerar fogo. Meu estranhamento aumentou. O que nos esperava? As crianças não demonstravam essa curiosidade apavorada que eu estampava no rosto. Elas atentamente observavam. Deda se aproximou dos marimbondos. Olhava-os fixamente, como se conversassem apenas pelo olhar. Havia vários marimbondos voando ao redor de Deda. Pensei: “Ele deve saber uma boa garrafada para as ferroadas, já que não demonstra medo.” Deda continuava a olhá-los e também a casa. De repente, Deda esticou sua mão de encontro à casa dos marimbondos e a tirou de uma só vez. Enquanto Deda se dirigia à beira da mata que fica atrás da escola, era acompanhado pelos marimbondos, de forma calma, como eu nunca havia visto antes. Sem picadas. Meus olhos sobressaltaram! Apenas os meus. As crianças continuaram a observar cada movimento. Ajeitei-me na pedra onde me sentara, tentando processar aquilo que meus olhos tentavam me mostrar. Posteriormente, fui conversar com Deda sobre o que eu havia presenciado. Ele me explicou que devemos viver uma relação de harmonia com os animais e que não somos melhores nem piores que eles, mas iguais. (FERRARI, 2020, p.78)

A relação estabelecida entre Deda e os marimbondos, um híbrido homem-

natureza, nos mostra uma simetria de agências, em que os marimbondos precisavam do corpo humano do Deda para conseguirem transportar a sua casa para um lugar seguro, na mata e, em troca, os seguiram sem ferroá-lo. Podemos dizer que, nessa situação, a humanidade de Deda era necessária para os representar; os interpretar, como bem destaca Latour (2000), “[...] tanto as pessoas capazes de falar como as coisas incapazes de falar têm porta-vozes” (p. 138). A associação entre homens e animais no contexto indígena, e que aqui denominamos como constituição de híbridos, alicerçando-me nos conceitos oriundos da TAR, nos permite compreender que tal relação não se limita a uma metamorfose humano-não humano, mas, sim, à construção de um novo corpo, um novo ator. A partir dessa hibridação é possível escutar e dar voz a esses não humanos.

Em seu livro “Jamais fomos modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica”, Latour (1994) explica que há uma diversidade de seres não-humanos que, em ação com os humanos, povoam e constituem os mundos. Melo (2011, p. 181) explica que “[...] para aprender, precisamos da materialidade de um corpo que se afeta, que é colocado em ação por outras entidades (humanas e não humanas), tornando-se sensível ao que está ao seu redor.” Em todo o tempo que circulamos pela TIX, foi possível vermos crianças observando as pessoas mais velhas e/ou reproduzindo aquilo que aprenderam.

As crianças possuem papel importante na circulação do conhecimento Xakriabá, dado já relatado em pesquisas anteriores. Silva (2011), ao seguir as crianças e seus afazeres pelo TIX, observou-as em suas práticas nas roças e em casa. De acordo com o autor, as crianças desde bem pequenas

acompanham os adultos no trabalho nas roças. Ao atingirem a idade de 7 ou 8 anos, as crianças já assumem algumas pequenas atividades, que requerem o conhecimento adquirido por meio de observações das ações dos adultos, como a abertura de covas e sementeira dos grãos. Com um pouco mais de idade, as crianças assumem um novo papel na circulação do conhecimento: a de ensinar as crianças mais novas que elas.

Em sua investigação sobre a circulação da cultura nas escolas Xakriabá, Pereira (2013) discorre sobre a circulação do conhecimento indígena a partir dessas práticas cotidianas.

Por diversas vezes foi possível acompanhar as crianças pelo Território. Uma das práticas observadas envolveu a pintura corporal. Pintar o corpo vai muito além de passar tinta sobre a pele. É um ritual para interligar-se com o Sagrado. O processo da pintura corporal está submerso na ciência, desde a seleção do jenipapo até a validação de quem poderá e quem não poderá ter o corpo pintado naquele momento e essa é a segunda observação que trazemos para demonstrar as agências humano-não-humanos na educação Xakriabá.

Era manhã de 18 de abril de 2017. Seria a primeira vez que eu estaria em uma Terra Indígena em um 19 de abril. Estava ansiosa para acompanhar os procedimentos e participar do evento que teríamos no dia seguinte na Aldeia Brejo Mata Fome. Deda me convidou para ir com ele até a escola da referida aldeia para que pudéssemos pintar as crianças e adolescentes que, ansiosamente, o esperavam. Ao chegarmos, todas as crianças vieram saudar Deda, pedindo sua bênção. Algumas também me pediram, para a minha surpresa. Já havia aprendido que pedir a bênção aos mais velhos era uma tradição

mantida pelos Xakriabá. Após Deda atender a um pedido de ajuda da diretora a respeito de uma moradia de marimbondos em alguns livros didáticos, como citado anteriormente, dirigimo-nos até a área onde as crianças esperavam para serem pintadas. Todas se sentaram na mureta que circulava a área. Deda, então, organizou o que precisaria para a pintura: retirou do seu embornal a garrafa de tinta de jenipapo, os pincéis e os colocou na mureta. As crianças e eu observávamos atentamente tudo o que Deda fazia. Um por um, então, foi sendo pintado por ele. Percebi que as pinturas para os meninos eram diferentes daquelas usadas nas meninas. (FERRARI, 2020, p. 92)

A aprendizagem da pintura corporal não se inicia quando os corpos são pintados, mas bem antes, quando o jenipapo é colhido, perpassando pelo ralar e extrair a tinta do fruto até chegar ao produto final: a tinta. O processo não é desvinculado da espiritualidade. Pelo contrário. É ela que diz quem pode e quem não pode ser pintado.

Ao pensarmos em produção e circulação do saber, ainda carregamos um pensamento eurocêntrico de valorização do conhecimento científico produzido nas academias em detrimento do conhecimento tradicional, construído nas vivências, trazendo uma visão assimétrica a essa produção e, por esse motivo, causando desinteresse à maioria das pessoas. (LATOURET, 2012)

A modernidade nos impede de ver a agência híbrida humana-não humana.

O que está em questão é a linha de separação entre natureza e cultura que demarcaria duas ontologias opostas e intransponíveis. Ao desfazer esta linha, os novos materialistas reconhecem que os não humanos também estão abertos ao mundo e, por isso, são capazes de

penetrar os mundos dos outros seres. (STEIL & CARVALHO, 2014, p. 167)

A pintura dos corpos com a tinta de jenipapo faz parte da ciência Xakriabá e é essa ciência que conecta os Xakriabá ao TIX, independentemente do local de onde eles se encontram, podendo estar, inclusive, na cidade. Ou, como nas palavras de Durkwa, um dos líderes da juventude Xakriabá, os Xakriabá não somente vivem na ciência, mas nasceram dela e são movidos por ela, tendo a natureza como a maior cientista do seu povo.

Sob essa ótica, pode-se relacionar a pintura corporal Xakriabá como um dos elementos de sustentação da vida daquele povo, por meio da sua identidade, sendo caracterizada “[...] pela mistura de diferentes elementos culturais, em especial aqueles que designam as formas de resistência de nossa identidade. [...] A pintura corporal marca e demarca a identidade, neste contato entre o corpo e o espírito.” (CORREA, 2018, pp. 25 e 44). Em outras palavras, a pintura com jenipapo faz emergir o híbrido homem-natureza-espiritualidade, indissociáveis, que geram uma nova realidade, um novo mundo.

Ainda Correa (2018) relata a interligação da pintura e a ciência Xakriabá, uma vez que:

(...) não existe ritual sem pintura e nem pintura sem ritual, e que a pintura corporal é a inscrição de uma outra linguagem, assim como ritual também é uma representação da potência da oralidade. Portanto, podem ser consideradas narrativas inscritas na prática composta pelo

conjunto de ciências que envolve o segredo e o sagrado. (CORREA, 2018, p. 36)

A prática, nesse sentido, é essencial para a circulação do conhecimento por meio de um mundo não estático, mas que se encontra em um constante movimento, contrapondo-se a uma ciência universal e convergindo para a busca de outras formas de se compreender o mundo. É o que chamamos de ecologia dos conhecimentos, que visa, então, religar os conhecimentos, supondo “[...] comunicação e troca entre a diversidade de informações e saberes constituídos às vezes por hibridismos, às vezes por mestiçagens entre domínios de especialidades.” (ALMEIDA, 2017, p. 144)

A pintura é um elemento cultural importantíssimo na constituição da identidade Xakriabá, sendo utilizada para registrar os caminhos percorridos por esse povo, os animais encontrados e, até mesmo, diferentes clãs entre as aldeias. Nas palavras de Correa (2018), a pintura corporal exerce um papel que vai muito além de um grafismo geográfico na pele, sendo “[...] a inscrição de uma outra linguagem, assim como ritual também é uma representação da potência da oralidade. Portanto, podem ser consideradas narrativas inscritas na prática composta pelo conjunto de ciências que envolve o segredo e o sagrado.” (CORREA, 2018, p. 36)

Aqui destacamos o processo de produção da tinta como um ritual, apropriando-nos das análises de Correa (2018), ao afirmar que “[...] o passo a passo do preparo da tinta do *genipapo*¹ é tão importante quanto colocar a pintura no corpo do outro, tudo faz parte do ritual de se

¹ Em registros linguísticos mais antigos, a palavra aportuguesada era grafada com “g”, **genipapo**. Daí o nome científico do jenipapeiro ser *Genipa Americana* L. Porém, as línguas

evoluem. Hoje, a norma culta convencionou que para as palavras de origem indígena, africana, exótica ou árabe deve-se usar o ‘j’, como jenipapo, jiló, jequitibá, berinjala.

pintar. [...] A pintura corporal marca e demarca a identidade, neste contato entre o corpo e o espírito.” (CORREA, 2018, p. 44)

A circulação dos conhecimentos narrados nas práticas cotidianas não se deu somente pelos ensinamentos na oralidade entre indígenas mais velhos e mais jovens, mas, também, na interação com encantados e com a natureza, ou seja, pela ciência. As inter-relações entre humano e não humano auxiliam na perpetuação das culturas desses povos. Moraes (2008) corrobora essa compreensão ao explicar a ciência como “[...] prática híbrida que não cessa de articular, conectar atores heterogêneos, humanos e não humanos. [...] São efeitos de nossas práticas híbridas, suas fronteiras são pactuadas e renegociadas pelos coletivos.” (MORAES, 2008, p. 42)

Em ambos os casos, tanto a da retirada da casa dos marimbondos, quanto da pintura corporal, as crianças se fazem presentes e observam todos os passos dos mestres ali presentes. No caso da pintura, as crianças passam a uma etapa à frente: a da prática. Em ambas as situações, a aprendizagem se fez devido a afetação de seus corpos, tornando-os híbridos e, também, atores-redes na grande rede educação Xakriabá.

Considerações finais

A educação dos Xakriabá se dá nas práticas comunitárias cotidianas e culturais, sendo passadas de geração em geração, permitindo a continuidade da existência dos povos indígenas. É holística, sua transmissão é oral, ensinada e aprendida pela socialização cultural da comunidade. Como definem Nascimento, Brand e Aguilera (2006, p. 08), “[...] na pedagogia indígena a criança aprende experimentando, vivendo o dia a dia da aldeia e, acima de

tudo, acompanhando a vida dos mais velhos, imitando, criando, inventando.”

Nos dois episódios aqui apresentados, foi possível perceber a produção do conhecimento a partir da observação que as crianças faziam em um primeiro estágio e, posteriormente, a circulação do conhecimento através das práticas cotidianas. Mas não somente as crianças demonstravam agência, como também a ciência Xakriabá e a própria natureza, seja através do jenipapo, seja através dos marimbondos, ou seja, humanos e não-humanos. Como dito anteriormente, a agência dos atores-rede promove a formação de híbridos e, conseqüentemente, a emergência de novas realidades.

Deste modo, as associações humano e não humano na cosmologia Xakriabá, seja pelas interações com os encantados, como a hibridação da Iaiá Cabocla, a índia-onça; seja por meio da interação com a natureza, como a relação do jenipapo e da pintura corporal; ou até mesmo nas interações entre homem-natureza permitem uma multiplicidade de construção de mundos e, conseqüentemente de redes, que são estabelecidas e desfeitas em suas ações e em suas estabilizações, respectivamente. Reforça-se, assim, o que Santa Rosa (2017) já observara anteriormente acerca da cosmologia Xakriabá: a intrínseca relação homem-natureza-espiritualidade, alicerçando a produção de realidades performadas, nas quais o conhecimento circula.

Referências

ABREU, Jan Carlos Pinheiro de. **Cantos tradicionais do povo Xakriabá**. 2016. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Línguas, Artes e Literatura). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais.

- ALMEIDA, M. C. **Complexidade, saberes científicos e saberes da tradição**. 2. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.
- CORREA, C. N. **O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá**: reativação da memória por uma educação territorializada. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável). Programa de Pós-Graduação Profissional em Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília.
- CORREA, E. N. **Etnovisão: o olhar indígena que atravessa a lente**. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Minas Gerais.
- FERRARI, A. C. M. **A construção dos corpos com e sem deficiência nas práticas de circulação de conhecimento Xakriabá**. 2020. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.
- FREIRE, L. L. **Seguindo Bruno Latour**: notas para uma antropologia simétrica comum. Rio de Janeiro, v.11, n° 26, 2006, pp. 46-65.
- GOLDMAN, M.; VIVEIROS DE CASTRO, E. Abaeté, rede de antropologia simétrica. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n° 14/15, 2006, pp. 177-190.
- LATOUR, B. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo/SP: Editora UNESP, 2000.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: Ensaio de Antropologia Simétrica. Rio de Janeiro/RJ: Ed. 34, 1994.
- LATOUR, B. **Reagregando o Social**: uma introdução à Teoria Ator-Rede. Bauru, São Paulo/SP: EDUSC, 2012.
- MELO, M. F. A. Q. Discutindo a aprendizagem sob a perspectiva da teoria ator-rede. **Educar em Revista**. Curitiba, n° 39, 2011, pp. 177-190.
- MORAES, M.O. A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas. **História, Ciências, Saúde. Manguinhos**, v. 11, 2004, pp. 321-333.
- MORAES, M. O. A contribuição da antropologia simétrica à pesquisa e intervenção em psicologia social: uma oficina de expressão corporal com jovens deficientes visuais. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, 2008, pp. 41-49.
- MORAES, M. O. Pesquisar com: política ontológica de deficiência visual. In. MORAES, M.; KASTRUP, V. **Exercícios de ver e não ver**: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro/RJ: Nau Editora, 2010.
- NASCIMENTO, A. C. BRAND, A. J.; AGUILERA URQUIZA, A. H. Entender o outro: a criança indígena e a questão da Educação Infantil. In: **Anais. ANPED**, 2006.
- PEREIRA, V. M. **A circulação da cultura na escola indígena Xakriabá**. 2013. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais.
- SANTA ROSA, H. D. R. **O governo da lua**: relação natureza e cultura no contexto da política nacional de gestão ambiental e territorial nos Xakriabá. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Ambiente e Território). Universidade Federal de Minas Gerais/Instituto de Ciências Agrárias. Montes Claros/MG.
- SILVA, R. C. da. **Circulando com os meninos**: infância, participação e aprendizagens de meninos indígenas Xakriabá. 2011. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais.
- SOUZA, I. M. A. A Noção de Ontologias Múltiplas e suas Consequências Políticas. **ILHA**, v. 17, n° 2, 2015, pp. 49-73.
- STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito. **Mana**, Rio de Janeiro/RJ, v. 20, n° 1, 2014, pp. 163-183.
- XAKRIABÁ, P. **O tempo passa e a história fica**. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 1997.

Recebido em 2021-12-06
Publicado em 2022-07-01